

Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar

Lorelai Kury

Pesquisadora e professora da Casa de Oswaldo Cruz
e professora do Departamento de História da UERJ

A historiografia brasileira tem como uma de suas principais fontes a literatura de viagens do século XIX. Os livros dos inúmeros viajantes que estiveram aqui no século passado têm sido usados não apenas como manancial de informações sobre o Brasil de nossos antepassados, mas, por vezes, também como inspiração para as grandes linhas interpretativas de nossa história.

Muito citados, os textos dos viajantes do século XIX são, no entanto, muito pouco estudados em seus contextos europeus e mesmo em sua repercussão no Brasil da época. Seus relatos são apenas genericamente tratados como fazendo parte de um olhar “de fora”, como se todo estrangeiro fosse igual.

O famoso viajante Auguste de Saint-Hilaire é, na verdade, um desconhecido entre nós. Poucos detalhes de sua vida e de sua obra foram estudados. Na França atual, ele é um personagem esquecido, o que não aconteceu em sua época, quando ocupou posição de prestígio no meio científico parisiense e francês. Saint-Hilaire buscou fazer de sua viagem ao Brasil, realizada entre 1816 e 1822, um modelo no que diz respeito à forma como os cientistas da Europa civilizada deveriam se relacionar com os demais países do globo. Além disso, o botânico quis atuar como um viajante-naturalista exemplar e usar suas credenciais científicas – somadas a suas relações familiares na França da Restauração - para garantir boa situação quando de retorno à França.¹

* * *

São conhecidas as mudanças ocorridas nas viagens-científicas desde fins do século XVIII, quando as ciências tendem a se tornar indispensáveis à administração dos Estados europeus, além de contribuírem simbolicamente para sua legitimação. Naturalistas, químicos e físicos são constantemente consultados sobre a construção de pontes, a qualidade da água e dos alimentos, a melhor e mais barata maneira de fabricar pólvora, plantas e animais úteis passíveis de serem naturalizados, etc. Os viajantes-naturalistas – muitas vezes financiados pelo Estado – constituem elos úteis na cadeia que liga as colônias e os lugares ditos “exóticos” aos museus e jardins botânicos europeus. A ciência é vista então como um dos principais sinais distintivos dos povos do estado de civilização. Assim, a ciência é chamada a desempenhar uma função simbólica e a atuar como agente que torne mais eficaz a administração de homens e coisas.

¹ Cf. Lorelai KURY, "La politique des voyages en France au début du XIXe siècle et la culture scientifique d'Auguste de Saint-Hilaire", em Y. Laissus (org.) *Les naturalistes français en Amérique du Sud. XVIe-XIX siècles*, Paris, C.T.H.S., 1995.

Torna-se portanto compreensível a retórica utilitarista que cerca as ciências no momento mesmo em que ela se especializa e se distancia dos diletantes e dos amadores. A separação que hoje em dia fazemos entre ciência teórica e ciência aplicada não era operante no início do século XIX. Saint-Hilaire, por exemplo, era ao mesmo tempo um homem ligado aos aspectos filosóficos da história natural e aos aspectos práticos de sua especialidade. Para ele, esses dois lados da ciência se complementam. A vertente romântica da história natural, fundada, entre outros, por Humboldt e adotada Saint-Hilaire, é também uma ciência prática, voltada para a satisfação das necessidades das populações européias e para o fortalecimento material e simbólico da nação que representavam.²

Talvez a melhor definição da atitude científica desses naturalistas seja a de “filantropia”, respeitando o significado que o termo tinha na época.³ Filantropia é na língua francesa um neologismo do século XVIII para designar uma virtude que consideravam natural do ser humano, que é o amor por seu próximo. A filantropia é uma laicização do sentimento da caridade. Quanto à caridade, trata-se do amor por Deus que leva ao ato de fazer bem aos outros; já a filantropia diz respeito à “humanidade”. Nesta última, as ações dos indivíduos em favor da sociedade são consideradas como um sentimento natural, pois a felicidade pessoal só pode ser assegurada quando reina a prosperidade social.

A filantropia é um valor aos olhos da elite européia de fins do século XVIII e do século XIX, qualquer que seja sua orientação política. Ela age como um pano de fundo a justificar as ambições nacionais e pessoais, já que os interesses privados eram vistos como coletivos. O sentimento filantrópico deveria nortear as ações do europeu civilizado. É em nome do progresso e do bem da humanidade que se dá a expansão colonialista do século XIX e não com a evocação do lucro privado capitalista. Afinal, “a reciprocidade tem sido sempre a ideologia do capitalismo sobre si mesmo”, como lembra analista atual.⁴ Os viajantes europeus que visitam os países ditos selvagens ou menos civilizados, como é o caso do Brasil, sentem-se portadores de uma espécie de missão. Sentem-se como irmãos mais velhos dos outros povos, a quem devem ajudar e aconselhar. Para eles, seus interesses são o interesse da humanidade inteira. A ciência é o instrumento maior que permite o exercício da missão do viajante, pois permitiria conhecer as leis da natureza e auxiliaria a vida dos homens.

O botânico especializado e bem formado poderia contribuir de diversas maneiras para o “bem da humanidade” e para o “progresso de sua nação”. Em primeiro lugar, suas reflexões sobre a distribuição das plantas sobre o planeta esclarecem a todos sobre a ordem que reina no universo, tenha esta ordem origem divina ou não. Em seguida, os conhecimentos da botânica e da agricultura (botânica aplicada) fornecem ao homem a possibilidade de alterar a ordem planetária, se for de seu interesse. Ele pode tirar plantas de sua terra natal e naturalizá-las em outro país. Para tanto, é necessário que se conheça

² Cf. D. Knight, “Romanticism and the Sciences”, in A. Cunningham e N. Jardine (orgs.), *Romanticism and the Sciences*, Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1990.

³ Cf. Catherine Duprat, “Pour l’amour de l’humanité”. *Le temps des philanthropes. La philanthropie parisienne des Lumières à la monarchie de Juillet*, Paris, C.T.H.S., t. I, 1993.

⁴ M.-L. Pratt, *Os olhos do império. Relatos de viagem e transculturação*, Bauru, Edusc, 1999, p. 152.

o terreno apropriado para cultivá-la, o clima mais adaptado, a melhor exposição à luz, etc. Outra possibilidade na qual se acreditava na época era a aclimatação. Muitas técnicas foram desenvolvidas para tentar aos poucos fazer com que as plantas pudessem viver em climas muito diferentes de seu país natal. O botânico também poderia ser útil ao reconhecer em um país estranho as propriedades de plantas que ele nunca vira antes. Na época da viagem de Saint-Hilaire, a divisão do reino vegetal em “famílias naturais”, segundo o método proposto por Jussieu, permitiria reconhecer parentescos morfológicos em plantas de países diferentes. A família de uma planta é um possível indicador de suas propriedades. Um exemplo muito citado na época, é o fato dos naturalistas das grandes expedições marítimas poderem reconhecer plantas anti-escorbúticas numa ilha totalmente desconhecida. Desse modo, segundo os padrões da época, o conhecimento universal de um viajante-naturalista poderia dizer mais sobre as plantas de um país que desconhece do que os conhecimentos empíricos de seus habitantes.

Desse modo, a viagem científica é, no Iluminismo tardio, uma atividade que ultrapassa as fronteiras do que qualificamos hoje em dia como “puramente científico”. A análise das narrativas de viagem de Auguste de Saint-Hilaire e a documentação relativa a sua estadia no Brasil indicam a adequação de empreitada aos critérios de cientificidade e de utilidade vigentes nos meios oficiais e acadêmicos de início do século XIX. Dentre os pontos que podem ser desenvolvidos a partir de investigações sobre sua viagem, gostaria de chamar atenção para a vinculação de Saint-Hilaire aos discursos e práticas justificados pela “filantropia” e a concomitante afirmação de critérios “internos” ao meio científico para consolidação de sua carreira.

Auguste de Saint-Hilaire nasceu em Orleans em 1779 e morreu na mesma cidade, em 1853. Oriundo de família nobre, passou alguns anos de sua juventude na Alemanha, o que permitiu que adquirisse familiaridade com a língua e a cultura alemãs. De retorno à França, dedicou-se à história natural, publicando diversos artigos em revistas especializadas.

Em 1816, na ocasião de sua partida para o Brasil, Saint-Hilaire já tinha trinta e sete anos e possuía conhecimentos botânicos extensos, tendo publicado sobre a flora francesa, particularmente sobre a anatomia dos frutos. Nessa época, tinha contatos com Antoine-Laurent de Jussieu, do Museu de história natural de Paris, era amigo de Karl-Sigismund Kunth, preparador de Humboldt e ligara-se ao mesmerista Joseph-Philippe-François Deleuze, ajudante-naturalista e futuro bibliotecário do Museu. Era correspondente do importante botânico suíço Augustin-Pyramus de Candolle. Era próximo também de Félix Dunal, de Montpellier. Enfim, estava integrado ao meio científico europeu.

Seu principal biógrafo e amigo, Alfred Moquin-Tandon⁵ atribui às relações com os sábios de Montpellier a causa do “espírito filosófico” perceptível em seus últimos escritos. Atualmente, Saint-Hilaire é citado entre os representantes da “botânica filosófica”⁶, sobretudo por causa de sua *Leçons de botanique comprenant*

⁵ A. Moquin-Tandon, A. de Saint-Hilaire”in Michaud, *Biographie Universelle ancienne et moderne*, Paris/Leipzig, Mme. Desplaces/Brockham, t. XXXVII.

⁶ Sobre as relações de Saint-Hilaire com as teorias de Goethe e de Candolle, ver: M. Guedès, “La théorie de la métamorphose en Morphologie végétale: A.-P. de Candolle et P.-J.-F. Turpin”, *Revue d'histoire des sciences*, 25, 1972, p.

principalement la morphologie végétale..., publicadas em 1840, onde ele reivindica a influência de Goethe e de Candolle. Ele foi, aliás, um dos relatores escolhidos pela Academia de Ciências de Paris para analisar a tradução que Martins fez das obras de história natural de Goethe, em 1837.

Auguste de Saint-Hilaire veio para o Brasil em 1816, acompanhando a missão extraordinária do duque de Luxemburgo, cujo objetivo era resolver o conflito que opunha Portugal e França quanto à posse da Guiana, passado o período napoleônico. Suas demandas para acompanhar a embaixada do diplomata – amigo de sua família – foram sempre apoiadas por pessoas bem posicionadas e seguidas de carta de recomendação do chanceler Dambray. Entretanto, o ministro do Interior – o conde de Vaublanc – apela desde o início ao Museu de história natural para julgar a importância de sua participação na missão. Os professores do Museu confirmam a utilidade potencial das investigações de Saint-Hilaire e informam o ministro quanto a seus conhecimentos de história natural, sobretudo em botânica.⁷ Respaldo pelo parecer dos naturalistas da instituição, o ministro permite que parta na qualidade de viajante-naturalista enviado pelo governo e concede a ele, inicialmente, a soma de três mil francos por ano, aumentada logo em seguida para seis mil. O botânico, por sua vez, deveria buscar instruções junto aos professores do Museu e enviar para lá toda correspondência científica e objetos de história natural que coletasse.

Uma vez no Brasil, Saint-Hilaire procede da maneira indicada pelo ministro, porém, como se tratava de alguém com conhecimentos reconhecidos em botânica, ele mesmo decidia em última instância sobre o destino de suas pesquisas e coletas. Ele enfatiza, aliás, em suas cartas e depois em seus relatos de viagem que não se limitava a recolher plantas e enviá-las ao Museu de Paris. Ao contrário, analisava e tomava suas notas *in situ*, quando ainda estavam frescas e não secas em herbários. Por isso, pediu a seu amigo Deleuze, do Museu, que guardasse os envios de plantas que fazia, pois ele mesmo era a pessoa mais indicada para analisar as coleções que formara. Quanto ao resto – animais, minerais e sementes – estavam à disposição dos naturalistas da instituição.

O Museu de história natural de Paris seguia de perto as viagens em curso. Os relatórios e notícias sobre os objetos recebidos ocupavam uma parte importante do tempo das assembléias dos professores. A *Instruction pour les voyageurs*, publicada diversas vezes pela instituição a partir de 1818, organizada provavelmente por André Thouin, informa sobre os viajantes em missão e é atualizada a cada edição. Nessa publicação a referência quanto à viagem de Saint-Hilaire ao Brasil, em 1818, é otimista: ele enviará para o Museu “uma multidão de objetos novos”. Já no texto de 1824 – Saint-Hilaire retornara em 1822 – está indicada a “riquíssima coleção” que o viajante acabara de levar para Paris.⁸

253-270; P. F. Stevens, Haiiy and A. P. Candolle, “Crystallography, botanical systematics, and comparative morphology, 1780-1840”, *Journal of the history of biology*, 1(17), 1984, p. 49-82 e *id.* *The Development of Biological Systematics: Antoine-Laurent de Jussieu, Nature, and the Natural System*, Nova Iorque, Columbia University Press, 1994.

⁷ Cf. Archives nationales (Paris), F17 1543, F17 3977 e AJ 15 575.

⁸ *Instruction pour les voyageurs et pour les employés dans les colonies sur la manière de recueillir, de conserver et d'envoyer les objets d'histoire naturelle...*, Paris, Belin, 1818, p. 35 e 1824, p. 28.

A viagem de Saint-Hilaire também foi objeto de comentário na Academia de Ciências de Paris. O ilustre Antoine-Laurent de Jussieu foi o relator, que tratou dos resultados da expedição como a realização precisa e competente de um trabalho científico:

“Uma estadia de seis anos no Brasil, uma grande extensão de terreno percorrida, em diversos sentidos e sob diversos climas, numerosas coleções em animais, vegetais e minerais, descrições exatas feitas nos próprios lugares, observações gerais sobre os climas, os lugares, os costumes dos habitantes, as produções naturais de cada localidade, a natureza dos terrenos e o tipo de cultura apropriada a cada um; tais são os resultados da viagem do Sr. de Saint-Hilaire.”⁹

Ainda no mesmo relatório, Jussieu sublinha o fato do botânico redigido um diário “exato” de seus trabalhos e recomenda a publicação de suas observações botânicas, pois o viajante “tem nesta ciência conhecimentos positivos e extensos.”

No ano seguinte, Saint-Hilaire publica o livro *Plantes usuelles des Brésiliens* (sic) e foi o célebre Alexander von Humboldt quem leu um relatório verbal na Academia de Ciências de Paris. Aqui igualmente há insistência na qualidade da formação do viajante. Depois de louvar as valiosas coleções que ele levara para a França, Humboldt acrescenta:

“Mas, o que concede verdadeiro valor a objetos tão numerosos, o que distingue o viajante cientista do simples coletor, são as observações preciosas que ele fez nos próprios sítios, para fazer avançar o estudo das famílias naturais, a geografia das plantas e dos animais, o conhecimento das variedades se solo e o estado de seu cultivo.”¹⁰

Deste modo, o viajante Saint-Hilaire parece corresponder ao novo perfil viajante-naturalista idealizado no meio científico parisiense: pesquisa *in loco*, especialização, capacidade de produzir informações balizadas, publicação dos resultados. A qualidade da formação científica do viajante é uma condição prévia para que ele realize que o se espera dele: fazer com que sua missão seja útil. Nada deveria ser mais distante do aristocrático diletante do *grand tour* do que esses filantropos – muitos dos quais aristocratas – que não acreditavam viajar para si, mas em nome do progresso da ciência, do bem-estar da humanidade e da glória da nação. Um conhecido texto de fins do século XVIII classifica em quatro categorias os objetos que devem merecer a atenção do viajante, de acordo com seu grau de utilidade. Em primeiro lugar, aquilo que concerne imediatamente ao bem-estar da espécie humana e tende, assim, para a felicidade geral. Em seguida, os objetos cujo conhecimento pode aumentar a prosperidade de seu próprio país e, em conseqüência, se relacionam parcialmente com o bem da humanidade. Em terceiro lugar, os objetos que podem levar a um aperfeiçoamento de si mesmo, e, por

⁹ A.-L. de Jussieu, *Rapport sur le voyage de M. Auguste de Saint-Hilaire dans le Brésil et les missions du Paraguay*, Paris, J. Smith, 1823, p. 3.

¹⁰ A. von Humboldt, *Rapport verbal fait à l'Académie des sciences sur un ouvrage de M. de Saint-Hilaire intitulé: Plantes usuelles des Brésiliens*, s.l.n.d., p. 2.

último, os conhecimentos de ornamento, que se podem adquirir sem negligenciar o estudo daquilo que é realmente importante.¹¹

Em 1811, antes, portanto, de sua viagem, Saint-Hilaire já havia refletido sobre as relações da botânica com a sociedade, em artigo intitulado *Réponse aux reproches que les gens du monde font à l'étude de la botanique* (Resposta às críticas que a sociedade faz ao estudo da botânica). A primeira das críticas as quais ele responde é a acusação de que a botânica seria apenas uma ciência de palavras. Segundo ele, alguns homens que ficaram para a posteridade livraram o estudo dos vegetais da barbárie em que se encontrava, envolto em uma nomenclatura confusa e condenado a ser um apêndice da medicina. A botânica, então, começara a ser cultivada por si mesma e ganhou a moda. Muitas das pessoas que passaram a se dedicar a este estudo restringiram-se à nomenclatura, embora esta ciência, afirma, é muito mais do que isto para um “espírito filosófico”. A nomenclatura, escreve, é necessária para o reconhecimento dos objetos dos quais falamos, mas o verdadeiro sábio pode ter a memória fraca e localizar perfeitamente as plantas na “cadeia dos seres”. Um botânico, continua, pode desconhecer o nome de cada parte de uma planta e, porém, descrever com exatidão os fenômenos da vegetação e a vida das plantas da germinação à reprodução.

Saint-Hilaire evoca os maiores viajantes como exemplos do que seria para ele o verdadeiro botânico. Ele pergunta:

“É possível acreditar que os Commerson, os Dombey, os Desfontaines deixassem sua pátria, renunciassem ao que tinham de mais amado, que tenham penetrado nos contos mais selvagens e enfrentado todos os perigos para obter a satisfação pueril de acrescentar novos nomes a algumas listas áridas?”¹²

A resposta a esta pergunta retórica é, evidentemente, negativa. Para ele, as viagens são indispensáveis para encontrar-se o plano segundo o qual o Criador semeara os animais e as plantas no mundo. Se há uma ordem, uma espécie de rede dos seres “cujos nós mais afastados ainda têm algum ponto de contato”, a natureza, por não amar a uniformidade, teria colocado simetricamente as famílias das plantas nas diversas partes do globo. Entretanto, as plantas são “tal como dois irmãos que se amam ternamente e são afastados um do outro, mas continuam sempre unidos, apesar de sua separação, pelos laços da mais doce simpatia.”¹³ O viajante-naturalista teria por missão reconhecer as afinidades que unem os vegetais.

A segunda crítica contra a botânica respondida por Saint-Hilaire é a da inutilidade. O naturalista argumenta em favor da importância da botânica para a medicina, para a agricultura e as artes em geral. Retomando idéias desenvolvidas antes por Augustin-Pyramus de Candolle¹⁴, ele afirma que o naturalista pode ajudar o médico porque sabe que os vegetais organizados de forma semelhante possuem freqüentemente

¹¹ Refiro-me a Léopold Berchtold. *Essai pour diriger et étendre les recherches des voyageurs Qui proposent l'utilité de leus patrie*. Paris, Du Pont, 1797.

¹² A. de Saint-Hilaire. *Réponse aux reproches que les gens du monde font à l'étude de la botanique*, Orleans, Huet-Perdoux, 1811, p. 8.

¹³ *Ibid.*, p.12-13.

¹⁴ A.-P. de Candolle, *Essai sur les propriétés médicales des plantes, comparées avec leurs formes extérieures et leur classification naturelle*, Paris, Didot jeune, 1804.

as mesmas propriedades; em caso de falta de uma espécie conhecida, ele pode indicar uma substituta. Para a agricultura, igualmente, a pesquisa da organização das plantas e de suas relações pode ajudar na busca de novos métodos de cultivo ou um vegetal apropriado a um terreno ingrato.

Mais uma vez as viagens e a diversidade dos seres no planeta aparecem como argumentos centrais no texto. Ao falar do trabalho do botânico, diz: “Se após ter longamente estudado as plantas de seu país ele percorrer lugares longínquos, a analogia o conduzirá a descobrir os vegetais úteis que crescerão bem em sua pátria e, ao mesmo tempo, vai inspirá-lo com felizes idéias quanto aos meios de cultivá-los e de os aclimatar.”¹⁵

Este texto de 1811, que reproduz alguns lugares comuns em meio aos naturalistas franceses, importa aqui pois atribui grande importância às viagens e avança questões que serão tratadas por ele novamente, anos depois. Sua viagem parece ter sido desejada com ardor, pois já em 1811 dizia:

“Quais não devem ser os transportes de um botânico, quando chega a uma dessas localidades situadas nos trópicos, onde a natureza parece ter concentrado suas forças para exibir tudo o que a vegetação possui de mais rico e variado.”¹⁶

Sua viagem ao Brasil foi, efetivamente, de tal forma expressiva em sua vida que grande maioria de suas publicações é resultado dela. Seu périplo tropical serve também de argumento na demanda de votos para sua admissão na Academia de Ciências de Paris, para onde foi eleito em 1830. Em carta endereçada a Blainville, datada de janeiro de 1830, ele apresenta sua carreira de seguinte maneira:

“Vinte e cinco anos consagrados à botânica, duas grandes obras começadas; uma longa seqüência de memórias, das quais muitas submetidas à Academia; seis anos de viagens no Brasil, na República Cisplatina e nas missões, os dois primeiros volumes dessas viagens atualmente no prelo: estes são, Sr., meus títulos à cadeira vaga.”¹⁷

Durante o ano de 1828, Saint-Hilaire já evocara sua viagem quando pediu ao ministério do Interior que lhe concedesse uma pensão por “serviços prestados à ciência”. O ministério concede de início uma soma de 300 francos por ano, montante que o viajante acha insuficiente. Em seguida, com algumas cartas de apoio redigidas por pessoas influentes, dentre as quais o duque de Luxemburgo, Saint-Hilaire recebe do governo 1000 francos por ano. Os argumentos avançados dizem respeito a sua longa viagem e aos problemas de saúde ocasionados por sua estadia no Brasil, o que o tinha impedido de dedicar aos negócios necessários à administração de sua fortuna. Assim, a imagem que o botânico dá de si mesmo é a de um mártir que teria comprometido sua saúde em nome da ciência e da pátria.

Ser útil à pátria e à ciência é o objetivo auto-proclamado de sua viagem. Como foi sublinhado acima, as competências científicas de Saint-Hilaire foram condições prévias

¹⁵ A. de Saint-Hilaire, *op. cit.*, p. 18.

¹⁶ *Ibid.*, p. 22.

¹⁷ Mus. nat. d'histoire naturelle (Paris), laboratório de Criptogamia, ms. 507, n. 1507.

para sua participação na missão diplomática que viria ao Brasil. Faltava ainda justificar a importância das pesquisas específicas a serem feitas nessa parte da América do Sul. Os professores do Museu de história natural e também o próprio viajante falam sobretudo da relativa ignorância do que chamavam de “as produções brasileiras”, e evocavam a possibilidade de transplantar e aclimatar as plantas desse país na França e em suas colônias. Em carta ao ministro, enviada pelos professores, os argumentos são os seguintes:

“Sabemos que ele [o Brasil] produz, entre outros, um grande número de plantas próprias para tintura, mas é importante para as artes e o comércio que elas sejam melhor conhecidas. A facilidade com que as árvores européias se aclimataram na parte meridional do Brasil dá o direito de esperar que lá encontraremos vegetais úteis fáceis de introduzir em nossas províncias.”¹⁸

Em carta enviada a um amigo influente, provavelmente um familiar, Saint-Hilaire avança mais argumentos quanto à utilidade imediata de suas possíveis pesquisas no Brasil:

“Sabes, por exemplo, que nossos colonos da Guiana vendem seu algodão aos portugueses, que estes o tingem na província do Pará, e que em seguida o revendem a nós. As plantas do Pará encontrar-se-iam provavelmente na Guiana, que é sua vizinha, ou, ao menos, é de se esperar que aí poderiam ser introduzidas sem esforço. [...] Não sou presunçoso a ponto de prometer arrancar-lhes este segredo tão bem guardado até o presente, mas ao menos farei o que depender de mim.”¹⁹

A correspondência e os textos de Saint-Hilaire que ele tinha grande liberdade de ação e que, em princípio, sua missão era de forma geral “formar coleções de plantas”.²⁰ Ele insistia, entretanto, no fato de não ser um mero coletor e de analisar as plantas recém-colhidas. Além disso, ele sempre buscou dar relevo ao aspecto utilitário da viagem, afirmando, certa vez: “Dediquei-me principalmente às espécies que são utilizadas pelos habitantes.”²¹

Saint-Hilaire realiza de modo particular as aspirações utilitárias comuns à sua época. Ele insiste com frequência, como no texto de 1811 acima citado, na idéia de que a botânica é uma ciência útil ao espírito. Em seu livro sobre as plantas do Brasil e do Paraguai, de 1824, por exemplo, ele define da seguinte maneira os objetivos de sua viagem:

“Todas as espécies que coletei foram analisadas nos lugares da coleta; coligi informações que poderiam esclarecer sua história, e dediquei-me sobretudo ao estudo das relações que elevam a botânica ao nível das ciências as mais filosóficas.”²²

A análise das atividades que Saint-Hilaire realizou no Brasil faz crer que o naturalista buscou tornar sua viagem ao mesmo tempo “filosófica” e “útil à França e à

¹⁸ Archives nationales (Paris), F17 1543, carta (17/01/1816).

¹⁹ *Ibid.*, carta (12/01/1815).

²⁰ A.-L. de Jussieu, *op. cit.*, p. 3, nota 7.

²¹ A. de Saint-Hilaire, *Histoire des plantes les plus remarquables du Brésil et Paraguay*, Paris, Belin, 1824, p. XXVII.

²² *Ibid.*, avant-propos.

humanidade”, de acordo com as crenças e com o vocabulário da época. Na realidade, não há contradição entre os dois objetivos, eles são compatíveis e mesmo complementares.

Os sentimentos patrióticos do botânico manifestam-se diversas vezes. Ele estabeleceu, por exemplo, contato com o consul francês no Brasil, Sr. Maller, e o ajuda a enviar plantas para a Martinica. Ele participa igualmente do envio que Frei Leandro do Sacramento faz para a Martinica e para Caiena. Assim, são 21 caixas de plantas vivas originárias dos arredores do Rio de Janeiro que seguem para as colônias francesas. Sempre pensando na França, ele fica contente quando percorre as regiões do Sul, de clima mais temperado. Ele reconhece algumas plantas de seu país e encontra alguns vegetais que poderiam ser aclimatados na França, como é o caso da araucária. Ele faz diversos envios de sementes desta árvore para o Museu de Paris, para estar seguro que um deles chegaria a seu destino.

Impossível não pensar em algumas linhas escritas por ele anos antes. Tudo leva a crer que Saint-Hilaire não teve surpresas durante sua estadia no Brasil: ele conhecia os relatos dos viajantes que percorreram o mundo todo, inclusive a América do Sul, e se apega ao *savoir-faire* estabelecido. Em passagem redigida em 1811, ele descreve sentimentos que poderiam ser seus cinco anos mais tarde:

“Penetrando nas florestas antigas da América setentrional, os dois Michaux só pensavam na França e se expunham a todos os perigos para conseguir-lhe novas riquezas.”²³

Seus relatos de viagem, publicados a partir de 1830, também transmitem a sensação de que sua formação anterior o teria capacitado a agir com frieza e objetividade, sem se ater aos detalhes supérfluos e sem perder as boas oportunidades que surgiam.

Da tradição dos viajantes o botânico reteve também outra característica: a crença na permuta filantrópica. A “biopirataria” exercida pelo viajante francês é vista por ele mesmo como algo plenamente justificável, já que se trata de uma troca e não de um roubo. Do Brasil ele levaria para a França sementes, vegetais úteis, um herbário, animais, informações sobre a geografia e a história do país, etc. Mas, sendo útil aos franceses, ele estaria ao mesmo tempo sendo útil aos brasileiros. Conhecimentos apenas empíricos passariam a fazer parte do universo da ciência. É com esse objetivo que ele publica os livros *Histoire des plantes les plus remarquables du Brésil e du Paraguay* (1824) e *Plantes usuelles des Brésiliens* (sic) (1824-1828). Em obra posterior, de 1840, ele faz um balanço de sua vida, e afirma:

“Talvez eu não tenha sido inútil aos meus semelhantes, quando submeti aos princípios rigorosos da ciência o exame das plantas que os brasileiros empregam para o alívio de seus males.”²⁴

Desse modo, o sentimento de filantropia que permeava as atividades dos viajantes-naturalistas parte de uma distinção inicial básica: países civilizados com ciência e países não totalmente civilizados com práticas empíricas tradicionais. Em

²³ A. de Saint-Hilaire, *Réponse...*, *op. cit.*, p. 18.

²⁴ Auguste de Saint-Hilaire. *Leçons de botanique comprenant principalement la morphologie végétale...*, Paris, P.-J. Loss, 1840, p. 22.

nome da transformação da natureza em objeto científico, as fronteiras nacionais deviam ser abolidas. A ciência torna-se universal. Seu desenvolvimento é considerado útil à humanidade como um todo e não apenas à pátria de cada cientista. Argumento semelhante fora usado anos antes por um homônimo do viajante que veio ao Brasil, Étienne Geoffroy Saint-Hilaire, em missão científica a Portugal, durante a invasão francesa. Sobre os ricos herbários que encontrou no Museu d’Ajuda, afirma: “Todos são virgens; não se deram ao trabalho de abri-los: não resultaram em nenhuma planta, em nenhuma idéia botânica”. Classificados e estudados na França esses herbários que eram inúteis em Portugal poderiam ser úteis aos próprios naturalistas portugueses. Estes passariam a ter uma “propriedade científica, quando anteriormente possuíam apenas ervas”.²⁵

É no sentido dessa troca filantrópica que podemos compreender a atitude dos naturalistas diante dos saberes das populações dos locais que visitavam. Por onde passava, Auguste de Saint-Hilaire recolhia informações sobre o uso de plantas na medicina, na alimentação e na indústria. Não havia, no entanto, uma adoção imediata dos produtos considerados úteis. As plantas e seu emprego deveriam ser cuidadosamente observados e analisados, se preciso com a ajuda de químicos e médicos. Assim, a França participaria dessa troca internacional com a ciência e o Brasil com a natureza e as práticas empíricas tradicionais. Além disso, a França forneceria produtos que poderiam ser aclimatados aqui. Graças a seus domínios coloniais e às trocas que os museus e jardins botânicos franceses realizam com o mundo inteiro, Saint-Hilaire podia dispor de produtos úteis, que cresciam naturalmente em lugares de clima semelhante ao do Brasil.

Nos relatos de suas viagens e em sua correspondência, o naturalista narra diversos episódios que demonstram os serviços que acredita ter prestado aos brasileiros. Conta, por exemplo, que conquistou a amizade do conde da Barca, ao descobrir uma planta (que ele não diz qual é) que poderia ser comercializada pelo Brasil.²⁶ Ele estudou outras plantas, como a quina brasileira, que, embora não fosse a verdadeira quina do Peru, poderia ser empregada utilmente na medicina. Conta também que foi chamado a opinar sobre a razão da diferença de gosto entre o mate do Paraguai e o mate do Brasil. Concluiu que se tratava da mesma espécie vegetal. O gosto da bebida variava, portanto, de acordo com a maneira de prepará-la.²⁷ Além disso, Saint-Hilaire escreve do Brasil ao Museu de história natural de Paris e pede que enviem de lá sementes de vegetais úteis – principalmente legumes, frutas e plantas de ornamento – que poderiam ser aclimatados no Brasil.

As referências de Saint-Hilaire à humanidade não devem ser tomadas somente como recursos de retórica. A filantropia se organizou em grupos e sociedades espalhados pela Europa e pelo Brasil, dos quais diversos cientistas, nobres, burgueses e políticos fizeram parte. Saint-Hilaire era próximo de Deleuze, bibliotecário do Museu de Paris, mesmerista e ativo militante da Sociedade Filantrópica. O botânico de

²⁵ Carta aos professores do Muséum d’histoire naturelle, Lisboa, 24 de maio de 1808 in E. T. Hamy, *La mission d’Etienne Geoffroy Saint-Hilaire en Espagne et en Portugal (1808). Histoire et documents*, Paris, Masson, 1908, p. 45

²⁶ Archives nationales (Paris), carta ao ministro do Interior (Rio, 18/09/1816).

²⁷ A. de Saint-Hilaire, *Histoire des plantes...*, op. cit., p. VLI.

Candolle, seu correspondente, também era filantropo militante, assim como o duque de Luxemburgo, amigo de sua família. O homem a ser ajudado pela filantropia tanto pode ser o pobre das ruas de Paris, o escravo africano, o índio americano ou aqueles que buscavam construir uma nação civilizada nos trópicos.

Se para Saint-Hilaire a botânica deveria ser cultivada por ela mesma, não deixava de ser uma ciência estreitamente vinculada ao bem-estar material das sociedades. A importância que cada nação atribui às ciências naturais já é, segundo ele, um indicador de seu nível de civilização. A estadia do naturalista no Brasil foi importante para suas aspirações filosóficas.²⁸ A aplicação do método natural, com a finalidade de descobrir o plano do Criador exigia dos botânicos o conhecimento de todas as plantas disseminadas pelo planeta. Daí o desejo do viajante de que logo “até a menor gramínea desse país imenso” fosse descrita.²⁹ As viagens incluíam também a realização de atividades práticas, tornadas possíveis graças ao conhecimento da forma dos vegetais e da relação de parentesco existente entre as espécies.

Desse modo, Saint-Hilaire realizou de forma clara o que já se tornava uma tradição. Todas essas características fazem parte de mesma arte – a de viajar – e dizem respeito ao mesmo personagem: o viajante-naturalista.

²⁸ Depois de seu retorno à França Saint-Hilaire afirma cada vez mais seu perfil “filosófico”, distinguindo-se pela adoção das teorias de Goethe sobre a metamorfose das plantas e pela aproximação com as idéias do zoólogo Étienne Geoffroy Saint-Hilaire.

²⁹ A. de Saint-Hilaire, *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Gerais*, Paris, Grimbert et Dorez, 1830, v. 1, p. 5.